

ROGÉRIO ANDRADE BARBOSA

Ilustrações de
ALBERTO LLINARES

O enigma dos chimpanzés



1ª edição

 **Editora
Saraiva**

Editor: ROGÉRIO CARLOS GASTALDO DE OLIVEIRA

Assistente editorial: KANDY SGARBI SARAIVA

Secretária editorial: ANDREIA PEREIRA

Suplemento de trabalho: MARIA REGINA BELLUCCI

Coordenação de revisão: FERNANDA A. UMILE

Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Supervisão de arte: ANTONIO ROBERTO BRESSAN

Diagramação: MILTON RODRIGUES

Ilustrações: ALBERTO LLINARES

Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELCIUC

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barbosa, Rogério Andrade

O enigma dos chimpanzés. / Rogério Andrade Barbosa ;
ilustrações Alberto Llinares. — São Paulo : Saraiva, 2005. —
(Coleção Jabuti)

ISBN 978-85-02-05079-2

1. Literatura infantojuvenil I. Llinares, Alberto. II. Título. III.
Série.

05-1025

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

6ª tiragem, 2018



Direitos reservados à
SARAIVA Educação S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
Tel.: (0XX11) 4003-3061
www.atiscaspione.com.br
atendimento@atiscaspione.com.br

CL: 810208
CAE: 603298

À doutora Jane Goodall,
por sua luta em defesa dos chimpanzés.

Sumário

Passeio ao zoológico.....	7
O misterioso chimpanzé	9
O velho cientista.....	13
Jane Goodall	16
Um ecologista muito doído	17
De volta ao zoológico.....	20
Desvendando o mistério	22
Seguindo a pista.....	26
Na mansão dos mafiosos	30
A ratoeira voadora.....	35
Rumo ao desconhecido	39
Prisioneiros.....	42
O doutor Nikolaus Kinsky	44
Joana.....	45
Um convite muito estranho.....	49
Na câmara dos horrores.....	53
Novas revelações.....	56
Planejando a fuga	59
Abrindo caminho	61
Disfarçados de índias.....	65
Santa Cruz de la Sierra	70
O trem da morte	72
Nos trilhos da aventura.....	76
Lutando pela vida.....	81
Puerto Suárez.....	83
Nos braços da morte	86
Cartada final.....	88
Fim de papo	90



PASSEIO AO ZOOLOGICO

Para mim não tem coisa mais chata do que excursão de colégio. E logo ao Jardim Zoológico! Detesto ver os animais presos atrás daquelas grades. Mas a professora de Ciências disse que era obrigatório. Além disso, ela ia dar nota para os trabalhos realizados depois da visita.

Não tive outro jeito senão acompanhar a barulhenta turma do 9º ano. Mal saímos da porta da escola, começou a maior bagunça dentro do ônibus. Parecia um bando de loucos gritando e batendo na lataria, enquanto berravam uma série de canções com refrões de duplo sentido.

Outros, mais afoitos, enfiavam a cara pela janela, brincando e mexendo com as pessoas que passavam nas calçadas: “Ô quatro-olhos! Aí, careca!”.

Era por essas e outras que eu não gostava muito desse tipo de passeio. Até que acharia legal zoar um pouco também, mas, como tenho problemas de audição e de fala, fica difícil.

Quando eu era pequeno, me chamavam de “Mudinho”. Depois que cresci, rolava na rua com o primeiro que me tratasse assim. Agora tenho quase quinze anos e passei a ser chamado de “Cientista”, por causa do meu cabelo desgrenhado e da mania de

andar pra tudo quanto é lado com um livro debaixo do braço.

Até os dez anos, antes de passar a usar um novo tipo de aparelho auditivo, estudei numa escola especial para surdos e mudos. Sei usar a linguagem dos sinais e aprendi, através de muitos exercícios, a articular as palavras corretamente. Porém, as frases saem da minha boca com muito esforço, num tom estranho e cavernoso. Por isso é que sou supertímido e inseguro.

Quando terminei o 5º ano, meus pais acharam que era melhor, de acordo com vários especialistas no assunto, que eu fosse estudar numa escola regular. Mas eu preferia ter continuado no Instituto de Surdos e Mudos. Lá, pelo menos, éramos iguais em nossas deficiências e tínhamos os mesmos problemas de comunicação. Até para namorar era bem mais fácil.

— Chegamos — avisou a professora, assim que o ônibus encostou num dos portões laterais do Zoológico.





O MISTERIOSO CHIMPANZÉ

— Cientista, corre aqui!

Quem estava me chamando era o Paulinho, um baixinho gozador que se intitulava “rei dos bailes suburbanos”.

Ele e o resto da turma estavam amontoados na frente do cercado dos micos. Embora fosse proibido, jogavam pedaços de biscoitos para os bichos, divertindo-se com a brigalhada e a algazarra dos macaquinhos pela posse das migalhas.

— Veja — disse Paulinho, apontando para a última jaula da ala dos macacos.

Um chimpanzé adulto, de olhos tristes e profundos, estava sentado sozinho no chão de cimento, alheio a tudo.

— Ele sabe fazer sinais igualzinho a você — fofocou Patrícia, a garota mais chata da sala.

— É verdade — emendou Paulinho, ao mesmo tempo que começava a agitar as mãos em frente da jaula, imitando os meus gestos desajeitadamente.

Para minha surpresa, o chimpanzé levantou os olhos para o meu colega, observando-o atentamente, como se estivesse querendo decifrar a estranha mensagem. Acercando-se da grade, sacudiu a cabeça, dando mostras de não estar entendendo nada.

